

A
V
E
M
A
R
I
A



DE ATUALIDADE

HOMENAGEM AO SUMO PONTIFICE

Ao celebrar mais um aniversário natalício o Papa Pio XII, quis homenageá-lo a Arquidiocese do Rio de Janeiro, pelo Exmo. e Rvmo. D. Jaime de Barros Câmara, publicando a circular que prazerosamente transcrevemos:

"Completa hoje 68 anos de idade e 5 de Pontificado o Santo Padre Pio XII. De alegrias costumam ser para os filhos os aniversários natalícios dos pais. E duplamente natalício é o de hoje para o "Soberano Pontífice da Igreja Universal".

Entretanto nossas expansões de filial júbilo são tolhidas pela situação em que se encontra o "Pai Comum da Cristandade". Verdadeiro "Cor Paternum", como o Papa Bento XV, de santa memória, também como Bento XV, não é o Santo Padre Pio XII compreendido por todos. Com enredos e artifícios procura-se desvirtuar as mais puras e belas intenções das nobres atitudes de quem, pela responsabilidade de sua divina missão entre os homens, não pode adotar partidarismos, e deve pairar acima de tôdas as ambições terrenas, para conduzir a humanidade a seus destinos sobrenaturais e eternos. É justo pois, que nós católicos desta Arquidiocese que sempre tem sido fiel aos Pontífices Romanos, demonstremos num gesto de franca generosidade nosso filial afeto, enviando a Sua Santidade um presente de aniversário. Seja para as vítimas da guerra, socorridas pelo Santo Padre Pio XII, seja para a reconstrução de igrejas destruídas, tão caras ao coração de Sua Santidade, ou seja para o novo templo votivo de Santo Eugênio que os cató-

licos do mundo inteiro pretendem erigir em homenagem ao Pontífice reinante, não falte nossa generosa oferta, nas coletas que se farão para estes fins em tôdas as nossas igrejas, no domingo 12 de março, aniversário da coroação do Santo Padre Pio XII. Apraz-nos terminar esta circular com as palavras de nossa Pastoral de saudação, referentes a quem ainda se chamava Cardeal Eugênio Pacelli quando passou por nosso Rio de Janeiro: — E tú, Rainha da Guanabara, tú, gloriosa metrópole brasileira tú o recebeste, quando voltava do Congresso Eucarístico de Buenos Aires! Tú lhe sentistes o magnânimo coração! Tú o viste subir o gigante do Corcovado, para de lá saudar o Brasil inteiro em nossa própria língua! Tú o viste bem de perto e poderás olvidá-lo?"

O PROTESTANTISMO, SEUS ERROS E INCOERÊNCIAS

Acaba de publicar D. Manoel Nunes Coelho, Bispo de Aterrado, êsse opúsculo publicado pela Editôra Mensageiro da Fé Ltda.

Cientificamente a heresia protestante foi sábia e irrefutavelmente estudada por brilhantes apologistas. Quem não leu Hetinger, Balmes, e mais modernamente Leonel Franca, entre nós?

Seria repisar novos argumentos, martelar nos mesmos princípios, querer a refutação doutrinário-científica da heresia de Lutero subdividida em proteiformes seitas.

O Sr. Bispo de Aterrado não enveredou por êsse caminho. Seguiu outro rumo, hoje mais prático e mais necessário, estudando os erros e incoerências protestantes sob um prisma popular, ao alcance dos ignorantes que se deixam imbuir dos mesmos ataques protestantes.

Com grande conhecimento psicológico pode dizer o zeloso Bispo aterradense: "...Na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos são os protestantes mais instruídos que se tornam católicos. No Brasil, ao contrário, os católicos mais ignorantes é que se fazem protestantes".

Para esses pobres ignorantes, dignos da nossa comiseração, pois também êles possuem uma alma a salvar, dirigem-se as considerações populares, simples, claras, do opúsculo presente em boa hora aparecido, quando o joio protestante procura alastrar-se, semeando a confusão e a mentira.

As principais objeções, usueiras e costumeiras, nos arraiais do protestantismo, resolve-as D. Manoel Nunes Coelho com muita proficiência e com atraente linguagem.

O CATOLICISMO E O CINEMA. — A Junta diretiva do Grêmio Católico do Cinema e Rádio está trabalhando para em 48 fitas documentar o desenvolvimento e atividades da Igreja Católica nos 48 Estados da União Norte-Americana. Será notável empreendimento a rasgar clareira de luz em muitos entendimentos que não conhecem a técnica do catolicismo americano para estabelecer sua docência.



É o que dirão seus filhinhos ao saborearem sopas, pudins ou cremes preparados com Maizena Duryea. Dê-lhes sempre alimentos saborosos e altamente nutritivos, preparados com a incomparável

**MAIZENA
DURYEA**

▲ LTDA.

AVE MARIA

REVISTA SEMANAL CATÓLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS :

Perpétua . . . Cr. \$300.00

Ano Cr. \$ 10.00

Número avulso Cr. \$ 0.50

(Com aprov. eclesiástica)



RED. E ADMIN. :

Rua Jaguaribe, 699

Fone: 5-1304 - Caixa, 615

OFICINAS : Rua Martim

Francisco, 646-656

★ Coração de Mãe ★

V — Maria antes da Incarnação

1. SUA INFÂNCIA

“**J**ESÚS *crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e diante dos homens.*” (Lc., II, 52.) Possuindo em si desde o primeiro instante de sua *incarnação a plenitude completa de toda a graça, e estando sua alma na posse perfeita de Deus pelo conhecimento e amor beatífico, não podia, propriamente falando, crescer Jesús em sabedoria e graça. Crescia, enquanto dava provas, cada dia mais claras, manifestações mais perfeitas de sua santidade, perante os homens. Ou, mesmo ainda, pelo que diz respeito a seus conhecimentos humanos, crescia em sua ciência experimental, à medida que no correr dos anos ia entrando em contacto directo com as pessoas, coisas e obras desta terra.*

Maria é a cópia mais perfeita de Jesús. É sua aurora, não só porque o precede e anuncia ao mundo, mas ainda porque o brilho de suas perfeições são reflexos e imagens das perfeições de seu Filho. Também dela, pois, se pode dizer, sintetizando sua infância e adolescência: Crescia em idade, sabedoria e graça, perante Deus e perante os homens.

E tratando-se de N. Senhora, é um verdadeiro crescer, um verdadeiro progredir, não só pelas manifestações externas aos olhos dos homens, mas por um real aperfeiçoamento interno de sua alma, que cada dia se tornava mais santa e pura com a graça, e mais iluminada com as luzes naturais e sobrenaturais de sua inteligência.

O primeiro caudal de graça e perfeição, recebido em sua Conceição Imaculada, não era uma plenitude absoluta, mas um tesouro, que, embora grande, devia contudo aumentar a cada instante, sob as influências do Espírito Santo e ao ardor de seus esforços e correspondência.

E qual o sacrário dessas comunicações de Deus à sua alma, e desse fervor, que orientando todo seu ser, todas as suas potências e todos os seus atos, constituía a alma de N. Senhora num continuo progredir aos olhos divinos, num ininterrupto crescer em beleza e graça sobrenatural? Seu Coração Imaculado. É sua von-

tade, seu amor, consagrados num primeiro instante a Deus somente, que perseverando constantes naquele primeiro ato, convertem todos os dias daquela celestial Menina em continuas notas de louvor cada vez mais perfeito ao Pai celestial.

Assim decorreram os dias da infância da SS. Virgem. Em casa de seus pais, ou no Templo de Jerusalém, sua vida se reconcentrava toda, intensa e grandiosa, no santuário de seu Coração. Seus atos externos refletiam, sobretudo aos olhos de Deus e dos Anjos, ardores imensos da mais pura caridade.

Deus nos fez para Si, exclamava Sto. Agostinho, e nosso coração estará inquieto, desasocegado, até que se volte e repouse em Deus.

Só Maria, entre as puras criaturas, não conheceu jamais dessas inquietações, filhas da volubilidade, inconstância e corrupção de nossos afetos que sofrem sempre dum pendor mórbido para os bens sensíveis e insuficientes da terra. Sob este aspecto o Coração de Maria foi sempre, — não só na sua infância, — o reino da paz e da tranquilidade. Outras inquietações e sofrimentos pelos pecados e corrupções do mundo. Os sofrimentos que necessariamente deviam resultar para N. Senhora do choque inevitável entre o reinado de pureza e santidade que é seu Coração Imaculado e o ambiente externo desta terra, tão contrário aos designios de Deus, e conseqüentemente tão oposto a todas as inclinações, a todos os atos, desejos e aspirações do Coração de Maria, eco perfeito da Vontade divina, resposta única fiel e indefectível ao ideal de Deus, ao criar o homem.

Esses foram para o Coração de Maria os primeiros sofrimentos, as primeiras inquietações, logo de abrir, em sua infância, os olhos às realidades de nossa pobre terra.

Sublime inquietação! Inquietação da Pureza desambientada num país de pecado! Início de um martírio que será também o martírio do Redentor.

Mas só Deus e seus Anjos podiam contemplar, na infância de Maria, singela e comum aos olhos dos homens, esses segredos de beleza sobrenatural que ocultava seu Coração.

P. J. DE CASTRO ENGLER, C. M. F.

Vozes do Santo Evangelho

Domingo da Paixão: — JUSTIÇA E AMOR

Não devemos nos escandalizar excessivamente de que muitos cristãos não apreciem o valor do sofrimento.

Contribuem a esse desconhecimento dois fatores: a oposição da natureza a todo sofrimento, em primeiro lugar.

A natureza alvejada tristemente pelo pecado procura as alegrias, as festanças e os prazeres. Cruciam-lhe as dôres. Sente-se ferida com a lufada do sofrimento.

“Gozemos, corooemo-nos de flores” — bradam os mundanos.

Há outra causa da pouca estimação do mesmo sofrimento: é que um véu cobre os olhares de muitos cristãos, como cobria os dos apóstolos antes de Pentecostes, temendo aprofundar neste mistério da dôr, como os mesmos apóstolos temiam perguntar a Jesús sobre tão momentoso assunto.

É preciso então pedir com insistência essa graça. Que se abram os olhos da nossa fé e clareie perante o nosso entendimento a grandeza do sofrimento. Quando formos distinguidos com esse favor celestial, quando Deus nos iluminar a estrada das chamas da dôr, gozaremos de ser as suas vítimas e os mimoseados por esta dádiva divina.

E na explicação desta imprescindível necessidade de sofrer, encontramos logo o primeiro motivo.

É um DEVER DE JUSTIÇA.

Precisamos pagar a nossa dívida, grande, imensa, contraída com o pecado. É de fé que Jesús Cristo satisfaz pelos nossos pecados de uma forma superabundante, com excessos incompreensíveis de satisfações.

Entretanto, a satisfação fica incompleta, como nos fala São Paulo. Não por falta da redenção do divino Salvador, pois sabemos que os seus merecimentos foram infinitos e levados aos maiores extremos.

A satisfação está incompleta, porque somos membros do Corpo Místico de Jesús Cristo. Não era justo que apenas a Cabeça sofresse e fosse atingida com o dilúvio de sofrimentos que conhecemos na paixão e morte do divino Salvador. Os membros devem também sofrer. Devem também ter o seu quinhão de agruras.

Não teremos pago à divindade o nosso débito, si não sofreremos. Não nos julguemos “justos”, repelindo a dôr tão necessária à nossa natureza.

Sentia-se feliz Frederico Ozanam em pagar a Deus esta dívida ao dizer à esposa e aos filhos: “Acompanhai-me nos louvores a Deus pelas minhas dôres”.

Como não sentir-se bem em cumprir uma obrigação? Assim o declarava o P. Ginac: “Vejam, depois de ter provado as delícias escondidas no sofrimento e na mortificação, o desejo da cruz voluntária torna-se mais irresistível e forte que o pendor do homem sensual para os prazeres proibidos”.

Com a torrente de infelicidade e contrariedades descarregadas sobre nós, satisfazemos um dever de justiça, pois como membros de Jesús

Cristo O acompanhamos no pagamento das nossas enormes dívidas.

É um DEVER DE AMOR.

O nosso Mestre e Salvador sofreu, querendo sofregamente dessentar a sua sêde de sofrimentos, no rio amargo de todos os martírios, para testemunhar ao Pai celestial o amor que lhe devotava.

Era infinito o amor do Filho divino para o Pai celestial.

A prova inconcussa esteve no sofrimento. Quanto mais se ama, mais se sofre. Quanto mais unidos estão os corações, maiores são também as manifestações do sacrifício.

Não é o sangue pelo sangue, nem o sacrifício pelo sacrifício que se procura nesta obra salvadora e santificadora do mistério do sofrimento. Não é a morte do Filho — diz São Bernardo — que agrada ao Pai; mas o amor com que o Filho se imola voluntariamente.

É a caridade que o agrada. Por isso sofrimento sem amor, de nada serviria. O heroísmo constrangido não tem significação na vida nem se aceita prazerosamente no convívio social.

Compreendamô-lo então.

Si amarmos, deveremos carregar a cruz do sacrifício e das torturas incessantes da dôr.

Posto que a natureza se revolte, quando alvo de contrariedades, alegremo-nos porque se nos oferece ocasião de patentear o nosso amor a Deus e porque os mesmos sofrimentos são uma prova do amor que Deus nos dedica.

Vem ao calhar as palavras de Jesús Cristo a Santa Tereza: “De que forma poderia te manifestar melhor o amor, senão dando-te o que escolhi para mim, durante a vida mortal?”

Declaradas essas razões, consoladoras, compreendidos os motivos do sofrimento. Não nos revoltamos mais contra êle.

Seria uma INJUSTIÇA e uma grande FALTA DE AMOR.

Os cristãos, na sua vida, coberta de negrume, cheia de dificuldades, levantem a sua vista para os encantos do sofrimento.

Além da resignação, receberão consolação nas provações.

“Senhor — disse São Francisco Xavier — não me tireis esta cruz senão for para me dar outra maior”.

“Graças, Senhor — exclamou Jacó da Inglaterra — por me haverdes tirado três reinos, si for para me tornar melhor e para receber o reino do céu”.

São Paulo da Cruz chamava o sofrimento “penhor do amor divino e pedras preciosas do seu coração paternal”.

Aos santos descobriu-lhes Deus o segredo do sofrimento. Por isso tinham “a loucura do mesmo sofrimento”.

Que as palavras deste santo evangelho realizem em nossa alma o mesmo milagre da resignação, do amor e da loucura do sofrimento.

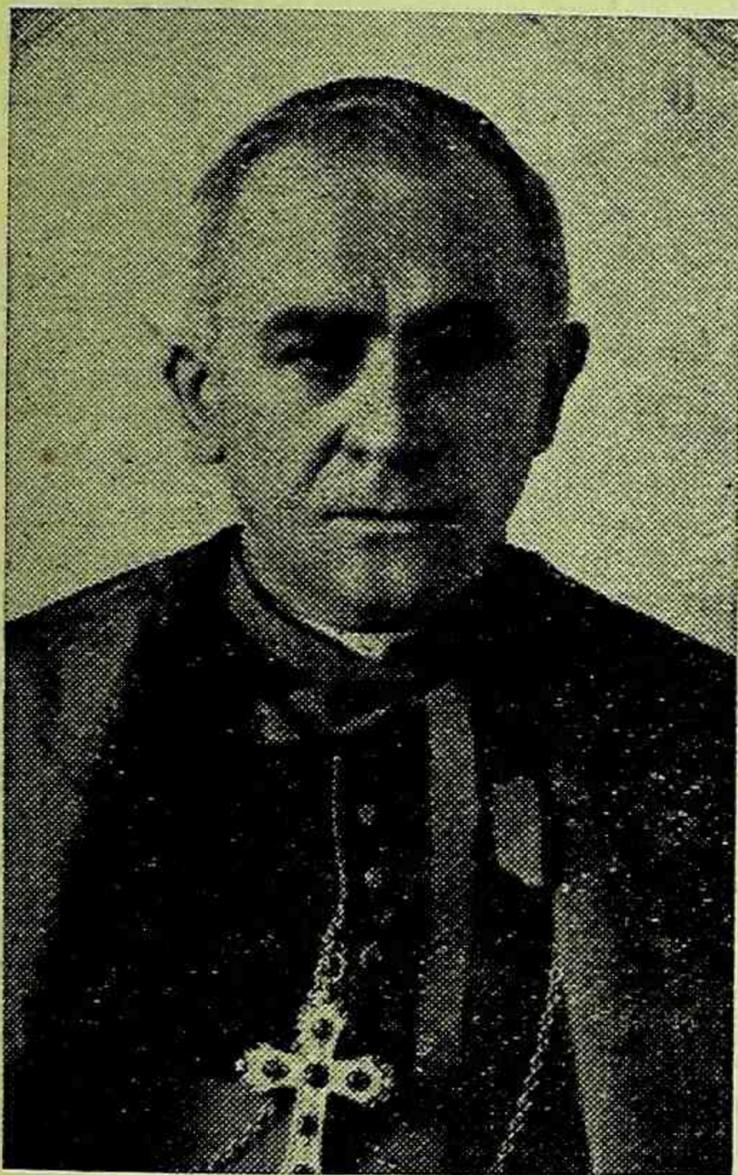
P. Astério Pascoal, C. M. F.

Efemérides Marianas

PARAHYBA CONSAGRA-SE AO TERNO CORAÇÃO DE MARIA

Já os jornais publicaram, em lacônico telegrama, a fausta notícia da consagração da Arquidiocese paraibana ao terníssimo Coração de Maria.

Demoramos nós, na publicação do acontecimento, à espera de maiores detalhes, como hoje



Sua Excia. Rvma. D. Moisés Coelho,
Arcebispo Metropolitano da Paraíba

o fazemos, transcrevendo a delicada missiva do Exmo. e Rvmo. D. Moisés Coelho, DD. Arcebispo Metropolitano.

“João Pessoa, 2 de Março de 1944.

Rvmo. P. Astério Pascoal.

Jesus Laudetur.

Tenho o prazer de responder à carta que me endereçou no sentido de saber si, nesta Arquidiocese da Paraíba do Norte, já se fez a consagração desta ao Santíssimo Coração de Maria.

Com suma satisfação declaro, em resposta, que, exatamente no dia 6 de Fevereiro p. findo, domingo da setuagésima, por ocasião do encerramento do retiro do Clero, em a nossa Catedral Metropolitana, fiz o ato de Consagração desta Arquidiocese ao Santíssimo Coração de Maria.

O ato se revestiu de muita solenidade, porque se realizou diante de todos os sacerdotes

dêste Arcebispado, então reunidos pelo motivo do retiro.

A Catedral, nesse momento, estava repleta de fiéis. Por ocasião do ato, fez brilhante alocução o Rvmo. P. Francisco Bragança, da S. de Jesús.

De tão piedoso e significativo ato espero que o Imaculado Coração de Maria há de alcançar de Deus especiais graças e extraordinárias bênçãos para esta Arquidiocese...

Aproveito o ensejo para significar a Vossa Rvma. meus protestos e alta estima e consideração. Servo at. obrg.

† Moisés, Arcebispo.

As preces dos leitores cordimarianos se erguerão ferventes, pedindo pelas intenções do piedoso Arcebispo, mormente pelo êxito de seus trabalhos apostólicos e episcopais.

D. JOSÉ MEDEIROS DELGADO,
BISPO DIOCESANO DE CAICÓ

Caicó é uma vasta Diocese do Rio Grande do Norte, na Província Eclesiástica da Paraíba.

Até lá chegaram as labaredas cordimarianas, dando-nos a impressão real de estar hoje o Brasil com as vistas fitadas no Coração de Maria apontado desde as colinas do Vaticano pelo Papa Pio XII, e indigitado como o remédio salvador da catástrofe da guerra.



Sua Excia. Rvma. D. José Medeiros Delgado,
Bispo Diocesano de Caicó



Sua Excia. Rvma. D. Adalberto Sobral, Bispo de Pesqueira, que consagrou a sua Diocese ao Puríssimo Coração de Maria.

A Diocese de Caicó consagrou-se também ao Coração de Maria. Manifesta-o a carta-documento que, vinda da Séde episcopal, copiamos com gáudio inexprimível, como valioso testemunho do avassalador movimento das consagrações.

“Caicó, 29 de Fevereiro de 1944.

Rvmo. P. Astério Pascoal, C. M. F.

De ordem do Sr. Bispo respondo sua carta a êle endereçada de 15 de fevereiro último, acompanhada de uma lista das Dioceses brasi-

leiras já consagradas ao Imaculado Coração de Maria.

A Diocese de Caicó fez já também sua consagração solene. No dia 8 de dezembro de 1943, numa grande concentração realizada na cidade de Jardim do Seridó, presente o Sr. Bispo e reunidas tôdas as Congregações Marianas das Paróquias, tendo à frente os respectivos Párcos e demais Sacerdotes, foi tôda a Diocese solenemente consagrada à Santíssima Virgem Imaculada.

Pode, pois, Caicó figurar na lista das Dioceses consagradas.

Como pede, o Sr. Bispo envia-lhe sua fotografia.

Sem mais subscrevo-me servo em N. Senhor

Men. Aderbal Vilar

CAMPINAS E O PURÍSSIMO CORAÇÃO DE MARIA

Todos conhecem a admirável organização das atividades episcopais de D. Paulo de Tarso Campos. Primeiro na Diocese de Santos e agora na Diocese de Campinas, o Prelado Diocesano desenvolve magníficos planos para o progresso espiritual campineiro.

Os esforços e os intuitos de D. Paulo dirigem-se presentemente para a celebração do Congresso Eucarístico Provincial. E sabendo da vontade do Santo Padre e conhecendo a eficácia onipotente do Coração maternal de Maria, resolveu que o primeiro ato oficial do futuro Congresso seja um ato cordimariano.

Com êsse objetivo haverá, no dia 21 de Maio, na cidade de Campinas, enorme concentração de Congregados Marianos. E ao ensejo dessa Concentração, como primeiro ato oficial da preparação pública para o Congresso Eucarístico provincial, será solenemente consagrada a Diocese ao Imaculado Coração de Maria, conforme os desejos do Santo Padre Pio XII.

Segundo as diretivas diocesanas a serem publicadas, a Consagração se fará também nas Paróquias, no mesmo dia.

Esperemos pela magna data diocesana, pois Campinas se orgulha de suas tradições católicas.

A. P.

Respingando

O PODER DO ROSÁRIO

É sempre poderosa a devoção a Nossa Senhora.

Os antropófagos capturaram um infeliz jovem e se dispunham a comê-lo. Entretanto, sabendo do fato um seu irmão católico chamado Feliciano Notangutama, mandara-lhe o Têrço, dizendo-lhe que tivesse confiança.

E com o Têrço ao colo fora até perto da caldeira onde deveria ser cozinhado pelos antropófagos.

Mas a proteção de Nossa Senhora para com

o pagão foi tão visível, que só por um milagre conseguira escapar das garras dos bárbaros.

A BÊNÇÃO DUM PAPA

O Papa Pio VII entrava certo dia em Paris e foi fazer uma visita ao museu do Louvre. O povo ajoelhava-se para receber a Bênção do Pontífice.

Uma turma de jovens pressumidos e indiferentes permaneceu em pé, com a cabeça coberta, olhando a passagem do Papa.

Pio VII impartiu-lhes a sua Bênção dizendo: “A bênção dum velhinho é sempre proveitosa para a juventude”.

Os moços ficaram envergonhados por estas paternais palavras e foram lhe pedir nova bênção para recebê-la com mais fé.

MÊU CANTINHO

Patrono dos agonizantes

AGONIA DE SÃO JOSÉ

A Igreja invoca a São José nas ladainhas: *Patrone morientum — Padroeiro dos agonizantes*. Há uma Pia associação hoje conhecida e universalmente propagada, a *Pia União do Trânsito de São José pelos agonizantes de cada dia*. A assistência do Santo Patriarca na hora extrema é a graça mais pedida e infalivelmente alcançada por todos os seus devotos.

A perseverança é a graça das graças. Felizes seremos si naquela hora tremenda, naquelas lutas da última agonia, pudermos ter a felicidade da proteção de São José. Não morreu o santo querido nos braços de Jesús e Maria?

Ó morte feliz, a mais bela morte de uma criatura! Eis como *Santo Afonso* medita esta passagem tocante. Considerai como São José, depois de haver servido fielmente a Jesús e Maria, chega ao termo da vida na casa de Nazaré. Ei-lo cercado de anjos e assistido por Jesús Cristo, o Rei dos Anjos, e por Maria, sua espôsa, aos lados do leito tão pobre e humilde. Nesta santa companhia deixa esta vida miserável numa paz deliciosa e tóda celestial. A presença de uma tal Espôsa e de um Redentor que se dignou chamá-lo de Pai torna preciosa e doce a morte de José. E como poderia ser amarga a morte daquele que morria nos braços da vida? Quem poderia compreender e exprimir as puras delícias, as consolações, as esperanças, os atos de resignação, as chamadas do amor divino no coração de São José naquela hora?

Que doces palavras não lhe haviam de então dizer Jesús e Maria! É razoável a opinião de *São Francisco de Sales*, que afirma ter morrido São José de puro amor de Deus. Tal foi a morte do nosso Santo Patriarca, sem angústias, sem horror, sem medo, porque viveu santamente e foi o maior dos santos.

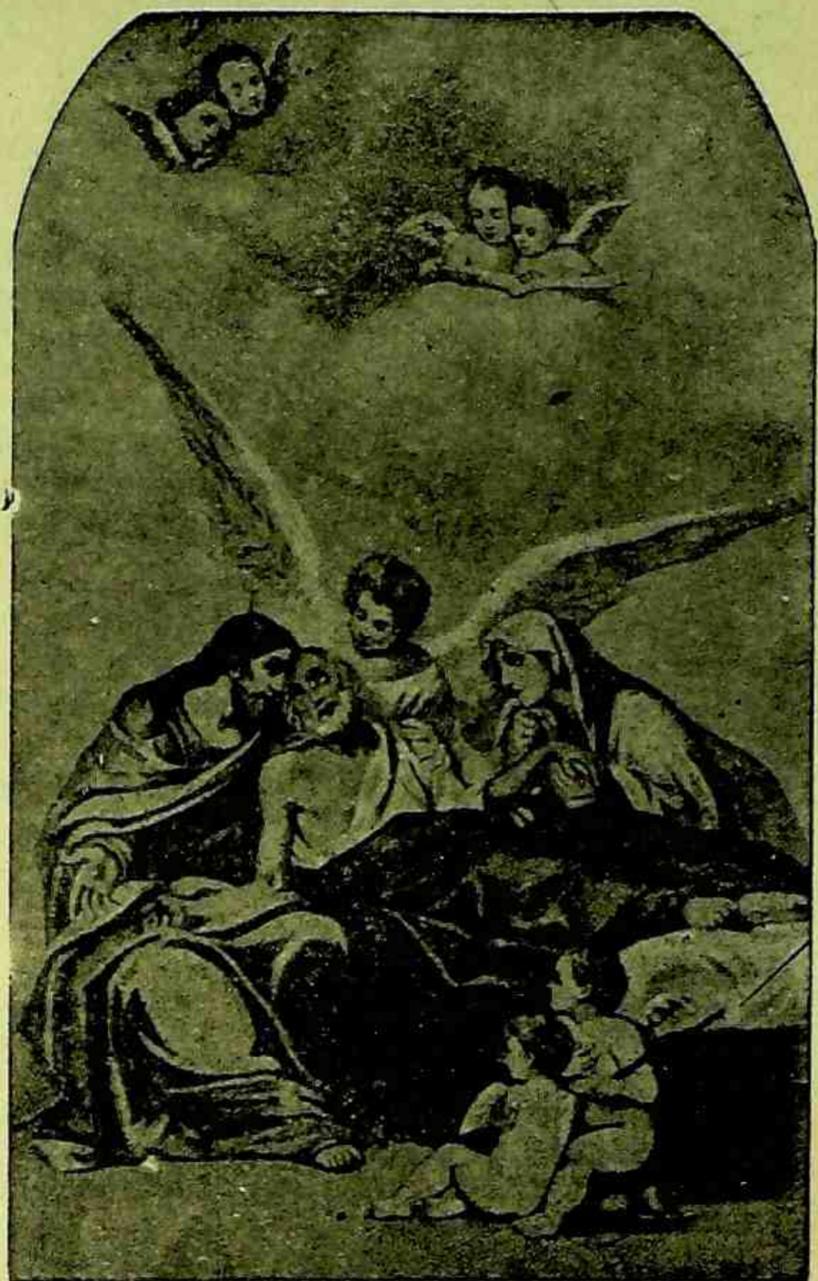
Bemaventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia. (1) Quanta doçura e misericórdia e caridade de José para com Jesús, desde a gruta de Belém até a casa de Nazaré!

Aquele que prometeu a recompensa do céu e cem por um a quem der um copo de água, não havia de cumular de graças e bênçãos, na hora extrema, quem o sustentou e protegeu? O amor, a morte de amor e de um amor seráfico foi a recompensa de José, não há dúvida.

Um santo, diz ainda o melífero Doutor, José que tanto amou a Jesús na vida, só podia ter morrido de puro amor. Poderia ter falado ao Pai Eterno: — Ó meu Pai, cumpra a obra que vós me destes a fazer na terra! E a Jesús: *Meu filho, vosso Pai celeste entregou vosso corpo em minhas mãos desde que viestes ao mundo. Assim também ao partir deste mundo entrego minha alma nas vossas mãos.*

SÃO JOSÉ ASSISTE UM AGONIZANTE

A "Semaine Religieuse", de Cambrai, narra um exemplo edificante. Apresentou-se à casa de um Padre, em Cambrai, um velho desconhecido.



Trânsito de São José

— Venho buscar V. Rvma. para assistir um pobre agonizante em tal rua, número tal. O Padre hesitou um pouco.

— Venha depressa, Sr. Padre, bem depressa.

Diante de tal insistência, o sacerdote compreendeu seu dever. Saiu por uma noite gelada e acompanhou pelas ruas desertas o velho, que adiante caminhava em silêncio. Ao chegar à porta de um casebre:

— É aqui, diz o Padre; rua e número como me foi indicado.

Bateu. Ninguém aparecia.

O velho se aproximou. Abriu a porta e disse ao Sacerdote:

— Entre, Sr. Padre, e suba esta escada, empurre a porta de um quarto lá em cima, entre e achará a doente.

Assim o fez o Padre e se viu diante de uma pobre mulher estendida em leito de dor, quase abandonada.

Entre gemidos a pobrezinha bradava:

— Um Padre! Meu Deus! dai-me um Padre nesta hora! São José, mandai-me um Padre! Eu morrerei no pecado, meu Deus!

O ministro de Deus se aproximou, do leito:

— O Padre está aqui, minha filha!

— Impossível! Ninguém nesta casa me queria chamar o Padre...

— Um velho me foi buscar.

— Mas aqui não há velho algum!

A pobrezinha se confessou entre lágrimas,

O Apostolado das Professoras Católicas

Todos apóstolos

Sempre a Igreja teve na pessoa de seus filhos, que não foram unguídos com o caráter sacerdotal, auxiliares valiosos na missão de cristianizar o mundo.

São Paulo já faz menção destes apóstolos leigos, nos primórdios do cristianismo. Menciona o nome de seus cooperadores na pregação do evangelho e afirma estarem eles escritos no livro da vida.

Coube, porém, a S. S. Pio XI, de felicíssima memória, a glória de arregimentar duma maneira admirável, o exército dos fiéis para a conquista espiritual do mundo.

É Pio XI o Papa da Ação Católica.

Desde que o Santo Padre publicou sua Encíclica "Ubi Arcano", de 23 de Dezembro de 1922, não é mais lícito a nenhum católico ficar inativo.

Todos devem ser apóstolos, duma forma ou de outra.

As seguintes páginas vão, entretanto, dirigidas a tôdas as Mestras brasileiras, mesmo às que não estão inscritas nas organizações da Ação Católica.

Estas fazem parte da Ação Católica num sentido lato e podem exercer um "eficacíssimo apostolado", como dizia Pio XI.

Particularizando ainda mais nossa intenção, queremos falar do apostolado catequético que nossas professoras devem exercer em bem de suas crianças, destas crianças que nos arrancam do coração este grito, digamos, paradoxal: Felizes crianças! — Pobres crianças!

Felizes crianças

Felizes crianças! Na idade infantil, regeneradas pelo santo batismo são o enlêvo do Coração bondoso de Jesús, que nelas tem suas complacências.

Sua tenra compleição reluzente de formosura, projeta sobre a terra nesga delicada dos encantos edênicos.

Cousa rara é encontrar um artista ou um santo que não se simpatize com as crianças. Vivem êsses grandes homens numa atmosfera de luz e de pureza e só achando corrupção no mundo, buscam instintivamente a companhia dos pequeninos.

Anjos de inocência revestidos de carne, cantam aqui em baixo os louvores divinos, à imitação dos puros espíritos, lá nas alturas da glória celeste.

Nelas se encontra menos apagada a imagem de Deus.

Chamemos à criança — "Cristo", mas "Cristo em botão", "Cristo em flor", seguindo a Santo Agostinho, que dava aos cristãos o belo nome de "floração de Jesús Cristo — *Christi florentes*".

A vida dos pequeninos é vida de Deus. A quem se não a eles quadra melhor a definição genial de Tertuliano, acerca do homem tal como saiu das mãos do Criador: "Um ser composto duma alma, dum corpo e do Espírito Santo"?

Verdadeiramente a criança é um ser todo sobrenatural. É o templo, é o sacrário, é o paraíso da divindade sobre a terra.

Ah! bem o sabem os corifeus do ateísmo. Em seu ódio a tudo quanto existe de sagrado, visam de maneira especial corromper e profanar a infância.

Querem destruir nestas almazinhas a impressão, o selo divino deixado pelo batismo. Esforçam-se por apagar o brilho de seus olhos, porque lhes ofusca, visto ser a luz de Deus que aí cintila.

E muito frequentemente chegam a perpetrar seu atentado diabólico, por ser-lhes bastante fácil, quer atendida a debilidade dos pequenos desprovidos de qualquer defesa própria, quer atendidos os meios formidáveis de perversão com que contam tais infanticidas.

Agora já podemos exclamar:

Pobres crianças

Pobres crianças! Uns anos mais e adeus tanta beleza... adeus formosura com que se comprazia Jesús!...

O Sacrário está vazio... o templo de Deus em ruínas...

Perdida a inocência entra a criança na estrada larga, que não é a estrada do céu e como o filho pródigo do Evangelho, chega depressa a uma região estranha, longe de Deus.

Infeliz! Retornará algum dia à casa paterna?...

Não podemos impedir que tôdas as crianças se afastem de Jesús, que o deixem talvez para sempre, para só o encontrar no último dia e não como Pai amoroso, mas como Juiz vingador.

Alguma coisa entretanto podemos conseguir com o auxílio da divina graça. Animo e dedicação. Trabalhemos.

José de Matos, C. M. F.

recebeu a Extrema Unção, e ninguém chegou ao quarto nestes momentos.

— Minha filha, perguntou o Padre, como pode alcançar esta graça tão assinalada depois de tantos anos longe da prática da religião?

— Ó, meu Padre, eu sempre fui devota de São José, e nunca, desde menina, deixei de Lhe pedir a graça de uma boa morte. Era a minha única devoção.

E o velho misterioso?... Desaparecera.

Era por certo o grande São José, o Santo Patrono da boa morte.

Entreguemos a São José nossa vida, nossas tribulações, negócios e sobretudo nossa morte, a causa de nossa eterna salvação. Ele nos valerá!

Nunca se viu um bom devoto de São José morrer no pecado.

P. Ascânio Brandão

(1) Math. V. - 7

(2) Traité de l'amour de Dieu — I - VII - c. XI

A paz da consciência

no sacramento da confissão

(Intenção da Arquiconfraria do Coração de Maria para o mês de Abril de 1944)

LRA um jovem e brioso oficial da arma da cavalaria, ativo e esperançoso, com a técnica aprendida para as grandes batalhas na Escola Militar, e chelo de si nas paradas com o seu ginete e o especial uniforme, terminando o capacete na curva graciosa da cimeira, formando um conjunto aéreo de elegância e agilidade.

Posto, embora, no primeiro degrau de comando, não temia ninguém, senão os seus superiores hierárquicos entre as forças armadas contra possíveis e arrojados inimigos.

Temia, contudo, alguma coisa no íntimo do coração; alguma coisa que não havia motivo para temer; mas os crueis inimigos da religião ou talvez só das práticas religiosas, como há muitos, encalecidos nos seus pecados, lhe haviam incutido um temor extraordinário da confissão: Temo mais a confissão, dizia aos seus camaradas, do que uma bateria de canhões.

Porém a sua boa mãe, que não precisava encorajá-lo para as batalhas, vistas ainda ao longe com os triunfos, côr de rosa, encorajava-o diversas vezes com insistência e com carinho para que se confessasse, dissipando-lhe os temores, e mostrando-lhe a facilidade da prática da religião com o seu próprio exemplo.

Porque, sobretudo, muitos ou mui grandes pecados com a sua idade juvenil e a educação moral que lhe dera, não os poderia ter, e era, pois, o único motivo que lhe poderia causar apreensões, não precisamente pelo ato da confissão, mas pela difícil emenda da vida para os que se entregaram a certos excessos ou se implicaram com certas situações ou injustiças, mais difíceis de lhes pôr o justo remédio.

A mãe, porém, sabia que o seu dileto filho estava isento dessas dificuldades, para êle improváveis. Insistiu mais algumas vezes, e afinal conseguiu que o distinto oficial, confiado na misericórdia de Deus e na bondade e retidão dos seus ministros, fôsse com toda humildade e arrependimento prostrar-se aos pés do confessor, abafando os temores internos e enfrentando por fora as vistas de falsos amigos e vencendo nêles a fera embasbacada do respeito humano.

Conseguida essa dupla vitória de si mesmo e das possíveis mofas dos maus companheiros, abriu a sua consciência ao ministro da reconciliação, e obtido o perdão dos seus pecados, fêz aos sinceros amigos uma confissão estranha, mas não de todo inesperada: Nunca experimentei maior consolação; não sei como exprimir a alegria inefável que sinto em minha alma.

Tal foi a narração admirável de um desenganado do mundo falaz que nos refere como testemunha de ouvido, num dos seus sermões, o famoso orador sacro P. Agostinho de Montefeltro, do qual também se sabe, como êle mesmo declarou, que antes de seguir os estudos eclesiásticos encetados, quando já homem adulto e formado na carreira jurídica e com exer-

cício da advocacia, andara, como muitos dos seus pares, arredado do sagrado tribunal da penitência, e também repetia, como êsses mundanos que excusando-se de um imperioso dever, do dever da confissão, repetem, sem nenhuma convicção: Eu já me confesso a Deus.

Mas é que de fato os tais insubmissos não se confessam nem mesmo com Deus, como reteria de si mesmo humildemente o citado orador. Pois sabem ou devem saber que Deus não aceita a penitência do pecador nem lhe outorga o seu perdão sem as condições que por êle foram impostas. E a condição imposta por Jesús Cristo foi a confissão dos pecados aos seus ministros, quando disse aos Apóstolos, e por êles, aos sacerdotes da sua Igreja: Aqueles a quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados nos céus: aqueles a quem os retiverdes, lhes serão retidos nos céus.

É inútil portanto esperar o perdão por outro meio que aquele que foi estabelecido pelo Filho de Deus; e não serve, pois, dizer alguém que se confessa com Deus e que a ninguém há de dar contas da sua consciência. Está visto mesmo que há de dar contas ao ministro da Igreja, o qual depois de ouvir a sincera, a completa e verdadeira relação dos pecados, verá e poderá julgar se os há de perdoar, soltando o pecador dos vínculos da sua iniquidade, ou se os há de reter ou não soltá-los, continuando o pecador prêso pelas responsabilidades da sua culpa e sujeito aos castigos eternos.

Por isto diz Sto. Agostinho: Não digais que fazeis penitência em segrêdo, porque então de balde teria Deus dado aos seus Apóstolos o poder de remitir todos os pecados.

E não é a confissão causa de terror e pretexto ou meio de opressão para as consciências: a confissão destina-se somente ao perdão das culpas, à satisfação temporal das ofensas feitas a Deus, à reforma verdadeira da vida, enveredando depois pelo caminho dos divinos mandamentos e pelo cumprimento de todos os deveres entre os quais há aqueles, muito certos e que não admitem condescendências: a respeito de si mesmo, a separação das más ocasiões, o afastamento dos perigos de pecar; e respeito dos demais, a reparação dos escândalos, como retratações de todos os erros e maus conselhos, desautorizar as calúnias contra a fama do próximo e restituir... os bens mal adquiridos, como prometeu o publicano Zaquêu pela sua conversão diante de Jesús Cristo.

E eis a causa de tôdas as excusas que pelo mundo se ouvem para não se confessar, e a causa inicial e fundamental de todos os ataques contra o sacramento da penitência: emenda da vida e reparação dos males causados, imposta pelo confessor para a remissão das culpas acusadas na confissão.

P. Luis Salamero, C. M. F.

Alocução de Pio XII

É o seguinte o texto integral da alocução pronunciada, no dia 12, pelo Papa Pio XII do balcão da Igreja de São Paulo, comemorando o aniversário de sua coroação:

"As atribuições vos têm afligido e ferido vossa felicidade doméstica, amados filhos e filhas, a quem as presentes calamidades obrigaram a caminhar dispersos, desnudos, sem lar, separados talvez dos membros de vossas famílias, vagando sem notícias daqueles que vos são ligados pelos laços de sangue e afeição, ansiosos pelo seu destino como eles estão pelos vossos; vós, em que a fé, não obstante, se volta para nosso Pai Celeste, que está perto daqueles que o amam; vós, hoje, arrastados pelo impulso filial, viestes pedir ao Vigário de Cristo uma palavra de bênção e de conforto.

Reunistes-vos em torno de nós, não para conhecer nosso amor paternal, que comunga com o vosso sofrimento, pois bastante já o conheceis, mas para ouvir dos nossos próprios lábios e ler na nossa própria fisionomia, que todos os vossos pesares são também nossos e que vosso amargor está profundamente entranhado no nosso coração.

Sim, amados filhos e filhas. O pesar que nos une a vós, vos torna duplamente queridos a nós, e isso se acentua à medida que crescem os vossos pesares. Resta assegurar que não existe um único de vossos pesares, ansiedade ou sofrimentos físicos e espirituais, que não penetra em nossa alma, mais funda e dolorosamente do que nossos próprios sofrimentos pessoais.

Desde o dia em que nos esforçamos para evitar o flagelo da guerra — cujas desastrosas e espantosas consequências nós prevíamos — não fomos ouvidos; nossa paternidade espiritual empenha-se totalmente em aliviar as vossas necessidades e vossos sofrimentos, assim como auxiliar-vos nos vossos infortunados recursos materiais limitados e reunir aqueles que haviam sido separados pela luta e pelas invasões.

Não deixamos de realizar esforços, nada negligenciamos para impedir que os povos experimentassem os horrores da deportação e do exílio.

Quando a crua realidade transformou-se na desilusão da nossa mais legítima confiança, fizemos tudo quanto se achava em nosso poder para aliviar tantos sofrimentos.

Mas, conciente de que tudo quanto estava em nosso alcance era ainda insuficiente, gritamos por auxílio, como faz um pai no seu desespero pelos seus infelizes filhos, esperando ainda ser ouvido por aqueles que se achem perto ou longe e em cujo peito bata um generoso coração. E eles respondem ao nosso apêlo. Nossa profunda gratidão lembra seus nomes e os oferta a Deus, para que eles possam ser inscritos no Livro de Recompensas Eternas.

Mas nesta hora, especialmente grave para a tão martirizada cidade de Roma, despedaçada na sua carne viva, com seus habitantes mortos, mutilados e feridos, de maneira horrível, onde os sofrimentos têm sido os mais

tremendos e as necessidades diárias as mais prementes, rogamos de novo, pedimos, imploramos a todos aqueles que possuem meios de nos auxiliarem, quer com contribuições materiais, quer com o auxílio de trabalho ativo, para não nos negarem seu auxílio eficaz e sua assistência.

Assim, com cidades feridas em quase todos os continentes pela guerra aérea, que não conhece leis nem restrições em si própria, como podíamos acreditar que alguém pudesse transformar Roma, esta nobre cidade, que pertence a todos os tempos e a todos os lugares e na qual toda a civilização do mundo fixa os olhos com emoção, transformá-la, repetimos, num campo de batalha, perpetrando assim um ato de inglorio militarismo, que se apresentará abominável aos olhos de Deus e da Humanidade, conciente dos mais altos valores espirituais e morais? (Grandes aclamações.)

Mais uma vez apelamos para a visão clara e para a sabedoria dos homens responsáveis em ambos os campos beligerantes, a fim de que não se associem a êsse ato, que nenhum motivo pode justificar aos olhos da história, mas, pelo contrário, dediquem seus pensamentos, seus esforços e seus desejos na direção de uma paz duradoura.

Amados filhos e filhas, elevai vossos olhos para Ele, que vos dá energia para carregar vossa cruz com fé calorosa e força cristã — para Jesus Cristo, nosso Pai e Salvador. Para Ele desejamos conduzir-vos. Ele próprio vos convida e vos diz: "Vinde a mim, todos vós que trabalhais e estais pesadamente carregados, que Eu vos darei descanso."

Ele resolveu arrostar as misérias dos sofrimentos da vida terrestre, as aflições e obstáculos e as mais terríveis torturas que podem ser infligidas pelo homem. Ele vos precede com a sua Cruz. Segui-o!

Ele, o mais inocente de todos os homens, carrega a sua Cruz para a salvação do mundo. Sustenta-a, para que a fé e o temor de Deus, a vida cristã e amor cristão possam de novo viver no coração de cada família, na vida social e entre todos os povos.

Ele carrega a sua Cruz para a paz do mundo, a fim de buscar para vós e para toda a Humanidade a paz com Deus e a paz entre todas as nações.

Deus, Todo Poderoso, que vos dignastes assumir a forma humana para vos tornardes nosso irmão e a consolação dos aflitos, baixai os olhos compassivos e misericordiosos sobre essa multidão de Vossos filhos e filhas, aos quais a guerra privou do lar querido e os quais fitam, com angústia dolorosa, incerto e sombrio futuro!

A fé que eles depositaram em vós, nos anos de tranquilidade e prosperidade, agora que indizíveis sofrimentos os perseguem, tornou-se mais do que nunca seu sustentáculo supremo, sua esperança e seu consolo no árduo e penoso caminho que a trilhar são levados pelos acontecimentos da guerra.

Ó Filho do Pai Celeste! Sabedoria divina, que movestes o curso dos séculos e a sucessão

dos povos, Vós sereis em todos os momentos nosso apôio, nosso consôlo, nossa graça, nossa virtude, nossa mercê. Vós, que quando ainda criança nos braços de Vossa imaculada Mãe e sob os cuidados de vosso Pai Terrestre São José, tivestes de abandonar vosso lar — concedei àqueles que hoje vagam, sem lar, a mesma obediência à vontade de Deus, que santificou os sofrimentos de vossa família!

Vós, Senhor do mundo, que dissestes de vós mesmo: "As raposas têm os seus covis e os pássaros nos ares os seus ninhos, mas o filho do Homem não encontrará nenhum lugar onde descansar a cabeça", fazei com que êstes nossos amados filhos, angustiados e experimentados por provações, possam tirar do exemplo da vossa voluntária pobreza a fé que vive, a Divina fôrça, a coragem cristã, que lhes permitirá carregar com dignidade verdadeira e paciente o azedume das suas miseráveis vidas.

Bolsa "Ave Maria"



Está iniciada esta Bolsa para formar um menino na Congregação Claretiana. Reserve as suas economias para esta obra missionária. Mande as suas esmolas ao P. Astério Pascoal, Caixa 615, São Paulo.

Donativos:

	Cr. \$
ARAXÁ — Francisco L. Teixeira . . .	5,00
SÃO PAULO — D. Maria José de Paula	5,00
SÃO PAULO — Anônimo	100,00

MAES CRISTÃS

— Margarida de Médice, mãe de São Carlos Borromeu, costumava dizer: "Eu cuido dos pobres e Deus cuidará de meus filhos".

— Ana Maria Mossari, quando o filho chorava, punha-lhe nas mãos o Crucifixo e dizia: "Olha, filho, como sofreu Jesús".

Com esses sentimentos essa mãe formou o futuro fundador dos Passionistas, São Paulo da Cruz.

O cinema e a moral

Criação maravilhosa do espírito humano, o cinema é hoje uma extraordinária potência internacional.

Verdadeira escola das multidões, devia e podia ser o mais eficaz instrumento ou veículo da instrução e educação do povo.

Mas o que êle é, na maioria dos casos, todos ou quasi todos o sabem...

Geralmente subordinado "ao incentivo das más paixões e à cupidez do lucro" — palavras do grande Pontífice Pio XI, — o cinema é hoje, com raras exceções, uma escola de ruína moral. Falam por êle os quotidianos malefícios que vem causando na instituição da família, na alma da mocidade e no pudor social, não apontando já os ataques, directos ou encapotados, que vai fazendo, de quando em vez, aos princípios basilares da Religião e da Autoridade, esteios da Ordem.

Disse ilustre Bispo: "Foi o cinema que lançou no turbilhão do vício muitos rapazes e raparigas, que tinham dado provas de virtude angelical até ao momento fatídico de assistirem a cenas despudoradas que, incendiando-lhes os sentidos, lhes roubaram a paz e a inocência".

Infelizmente não faltam depoimentos, que encheriam páginas desta revista, a confirmar as palavras do ilustre Prelado.

Tôdas as vozes que se têm levantado contra os malefícios do cinema justificam plenamente a oportuna observação de Pio XI: "Um povo que, nas horas de repouso, se entrega a divertimentos que ofendem o recto conceito da decência, da honra e da moral, a divertimentos que para todos, e especialmente para os jovens constituem ocasião de pecado, encontra-se em grave risco de perder o seu prestígio e a sua força".



Bibliografia

DOM BOSCO — COMPÊNDIO DE HISTÓRIA ECLESIASTICA — Tradução por um Cooperador Salesiano. — Escolas Profissionais Salesianas — São Paulo — Págs. 402 — 1944.

"Escrever a vida de um Santo por outro Santo", é a frase de Santo Tomás de Aquino que com mais propriedade se pode aplicar neste livro, pois é, São João Bosco que narra a vida, isto é, a história de nossa Santa Mãe, a Igreja Católica, desde os seus princípios até a eleição do Papa Leão XIII, sendo continuada pelos Editores com mais quatro páginas até a eleição de Pio XII; pois trata-se de um Compêndio para as escolas, e como tal é aprovada pelo Sr. Arcebispo de Turim, contemporaneo do santo Escritor e também "é recomendada arduamente a todos aqueles que têm zelo pela nossa Santa Religião, e particularmente a todos os professores e a todos os que se dedicam a instruir cristãmente a mocidade".

Noticiário CATÓLICO

A VOZ DOS NOSSOS BISPOS

* VISITAS PASTORAIS — O Exmo. Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro publicou a Segunda Carta Pastoral sobre as Visitas Pastorais. Tendo em vista o bem espiritual das Paróquias e sendo imenso o desejo de por-se em contacto com os diocesanos espalhados por todos os recantos de sua jurisdição, dirige-se a eles, paternalmente, com as palavras de São Paulo: "Desejo ver-vos para comunicar-vos algo da graça espiritual que vos robusteça". No importante documento estuda as vantagens das visitas, os preparativos e os trabalhos da visita. Bem merece ser lido tão oportuno documento de D. Jaime de Barros Câmara.

* SEMINÁRIO MENOR. — D. Lafayette Libânio, Bispo de Rio Preto, teve a consolação de ver coroados parte de seus esforços de fecundo episcopado, inaugurando no dia 19, festa de São José, o Seminário Menor Nossa Senhora da Paz. Grandes foram as solenidades para festejar acontecimento tão memorável para a Diocese, tomando parte o Clero e as Autoridades da zona araraquarense e a população católica que se associou jubilosa a tão faustoso impulso espiritual do zelo pastoral de D. Lafayette Libânio, Gratos pelo convite de participação na festa.

* CAMPINAS E O PAPA PIO XII. — No aniversário da Coroação do Papa Pio XII, o Sr. Bispo D. Paulo de Tarso Campos, dirigiu ao Santo Padre comovida mensagem de filial submissão, protestando contra as multiplicadas violações de sua soberania e elevando as preces de toda a Diocese para Deus o amparar nas grandes provações que está passando.

—><—
O GENERALÍSSIMO CHIANG-KAI-SHEK E A RELIGIÃO — O generalíssimo Chiang-Kai-Shek pediu aos Missionários da China pregarem "a verdade que é a vida", aos membros do exército chinês notadamente aos feridos e doentes.

Na mensagem dirigida ao exército, disse: "resolvi que desde o dia primeiro do ano os Missionários católicos que laboram pelo vosso bem, em diversos lugares, sejam convidados a pregar-vos a verdade que é a vida, de tal sorte que se elevem os vossos conhecimentos, que se alonguem os vossos horizontes espirituais e encontreis a consolação para as vossas dores..."

"Ainda que na China — continua — isto se tenha feito poucas vezes, noutros países os pregadores cristãos costumam falar aos civis e tropas nos hospitais e em muitos outros lugares, para confortá-los nos sofrimentos e para aliviar-lhes as penas.

"Espero que vós, amados oficiais, feridos e doentes, cultivareis nas vossas almas as virtudes do amor e da honra. Peço a Deus e a Jesus Cristo que aliviem os vossos males e que recupereis a saúde para o triunfo da nossa resistência e obtenção da reconstrução nacional".

MISSIONÁRIAS SALVAS NUM BOMBARDEIO — A Missão de Mariknoll em Wuchow, na China, foi intensamente bombardeada. Um pormenor interessante desse bombardeio é a salvação quase miraculosa de três religiosas e onze meninos, refugiados perto do altar da Capela.

Quarenta bombardeiros e aviões de combate voavam sobre a cidade. Duas religiosas já estavam perto do altar. Ao ouvir o barulho dos motores a terceira religiosa, Irmã Maty Chanel, de Hong-Kong, com os onze meninos, que estava no fundo da capela, correu para se juntar com as outras religiosas, ficando perto do Sacrário em adoração. Momentos depois caía uma bomba no fundo da capela, donde antes saíra com as crianças. Ninguém experimentou a menor ferida. O Sacrário os salvara quase miraculosamente.

OBRA PONTIFÍCIA DE SÃO PEDRO APÓSTOLO. — Esta obra em favor do clero indígena fundada por três irmãs francesas em 1889, gastou durante os 56 anos de existência, 50 milhões de libras na construção de seminários e outros 70 milhões na manutenção dos seminaristas. Atualmente sustenta 15.000 candidatos às sagradas ordens e 7.000 sacerdotes indígenas.

PRESOS 83 SACERDOTES. — Informa-se de Zurich, que reina na Dalmácia grande indignação popular por causa da prisão de 83 sacerdotes, que de seus púlpitos apoiaram a atitude de seu superior diocesano, Mons. Alojzija Stepinac, Arcebispo de Zagreb, que protestou fortemente perante as autoridades nazistas contra a desmoralização das crianças.

O VATICANO E A BOLÍVIA. — Anunciou-se oficialmente que o Vaticano manterá relações diplomáticas com a atual junta de governo da Bolívia, "como governo de fato", enquanto a reconheçam os países neutros, ocasião em que a Santa Sé outorgará seu reconhecimento "de jure". O comunicado expedido pela Chancelaria a respeito, diz o seguinte: "Noticias chegadas ao Ministério das Relações Exteriores fazem saber que o secretário de Estado da Santa Sé expressou ao Embaixador da Bolívia no Vaticano, Sr. Bailon Mercado, que instruiu o Núncio Apostólico em La Paz, Mons. Lari, a que continue mantendo relações com a Junta do Governo como governo de fato, enquanto os países neutros não lhe outorguem o respectivo reconhecimento". "O reconhecimento de fato feito pelo Vaticano se transformará segundo o Embaixador em reconhecimento "de jure" tão pronto o concedam os países neutros na atual guerra. Esta é a norma seguida pela Santa Sé em casos análogos.

PARA OS CAPELÃES MILITARES. — A Sociedade de Auxílio aos Capelães, nos Estados Unidos, distribuiu, em um ano, 1.355 paramentos para celebração da santa missa. No mesmo período, distribuiu mais: 241 capas para bênção, 84 cálices e patenas, 110 candelábrs, 243 missais, 122 âmbulas, e inúmeros outros objetos.



ABADESSA M. GERTRUDES DA SILVA PRADO. — Faleceu nesta Capital a primeira fundadora e abadesa da Abadia de Santa Maria. Pertencia à tradicional família paulista Silva Prado, tendo celebrado os 25 anos de recepção de bênção abacial. O convento que fundou no Brasil é a única Abadia de religiosas beneditinas no Brasil.

HORAS DE ADORAÇÃO EM SANTA IFIGÊNIA. — Recebemos o relatório anual da Adoração Perpétua, nesta Capital, no seu 10.º aniversário de fundação, clara e brilhantemente apresentado pela Exma. Secretária, D. Augusta Ribeiro Dantas.

No primeiro dia os heróicos adoradores ficaram a noite toda na igreja, descansando, no intervalo de suas horas de adoração, no duro chão da sacristia, forrado com papéis de jornais ou estendidos em incômodas cadeiras. Depois sucederam-se turmas e mais turmas de adoradores, sacerdotes, jovens, homens de idade, mães de família, moças e crianças. Até fim de Novembro de 1943 houve 122.095 horas noturnas e 698.264 horas diurnas num total, portanto, de 820.289. Quantas bênçãos divinas derramadas por essa obra maravilhosa de Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento!

MONS. MANOEL KOENNER, Prelado da Foz de Iguaçu. — Finalmente, depois das acusações feitas contra esse zeloso Prelado, das quais tanto se servira o sensacionalismo dos inimigos da Igreja, Mons. Koenner foi absolvido graças a um documento fornecido pela Embaixada Húngara junto à Santa Sé, ficando provado que o material a que se aludiu pertencia ao Arquiduque Akbrecht, cuja entrada no Brasil foi autorizada pelas autoridades civis e militares. Mais uma vez aparece o triunfo da verdade sobre a calúnia.

CAPELÃES PARA O CORPO EXPEDICIONÁRIO. — Todas as instituições de Fortaleza continuam revelando o seu apóio à força Expedicionária. Do mesmo modo a Igreja Católica, no Ceará, têm dado decisivas provas de colaboração, não descuidando da assistência espiritual aos nossos militares. D. Antônio Lustosa, Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, declarou: "A cooperação do Clero cearense às forças armadas, ainda é facultativa, existindo, entretanto, cerca de cinco capelães que, sob a bandeira da Legião Católica Militar, vêm dando eficiente ajuda moral às nossas tropas, exercendo sua missão junto aos quartéis e hospitais militares, permanecendo à disposição dos soldados nos serviços em que se fizer sentir a necessidade da colaboração do Padre. O serviço oficial, porém, ainda não está organizado no Ceará, embora já tenha o Arcebispo oferecido ao Ministro da Guerra os préstimos da Igreja cearense". — Interrogado sobre as notícias veiculadas, de que Sacerdotes haviam se apresentado voluntariamente, disse o Arcebispo: — "É verdade, vários Sacerdotes cearenses estão dispostos a acompanhar nossas forças para onde elas forem, pois não poderiam deixar os soldados sem o apóio moral da Religião Católica".

MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS. — A guarnição do vapor fluvial "Jurupari", da frota do Amazonas, mandou celebrar uma missa, na Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, em ação de graças por haver essa embarcação escapado de naufragar na baía de Marajó, quando vinha de Manaus para Belém.

O SR. ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO VISITA O CORPO DE BOMBEIROS. — O Exmo. e Rvmo. Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, visitou o Corpo de Bombeiros, percorrendo todas as instalações e rezando a Santa Missa na Capela, em presença de toda a oficialidade e de grande número de soldados do fogo.

CAFÉ INCINERADO. — Conforme estatística divulgada pelo Departamento Nacional do Café, de 1931, até Fevereiro do corrente ano, foram incineradas 78.097.981 sacas de café.

O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS. — Convocado pelo Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, realizou-se no Palácio São Joaquim, uma reunião de superiores de todas as congregações religiosas e de diretores de estabelecimentos de ensino também religiosos do Rio. Nessa reunião, D. Jaime, dentro do espírito da circular que ainda há pouco lançara sobre o ensino religioso nas escolas, expôs as diretrizes do Arcebispado e o pensamento da Santa Sé a respeito de tão magno e momentoso problema. Os colégios religiosos devem afervorar o ensino da doutrina cristã e das práticas de religião como exemplo eficiente para os demais estabelecimentos. Nesse sentido, D. Jaime fez recomendações especiais contando com a cooperação de todos os presentes para uma cruzada de maior interesse na formação moral da nossa juventude.

FEIRAS AOS DOMINGOS. — O povo de Cuiabá protestou, há pouco, por intermédio dos jornais cuiabanos, pela realização das feiras livres aos domingos. A realização das feiras aos domingos tornava-se inconveniente, pois como era justamente à hora da missa, o povo preferia deixar de comprar ou vender a faltar às cerimônias religiosas. Atendendo às queixas, a Legião Brasileira de Assistência, através do Departamento do Serviço de Hortas e Clubes Agrícolas, resolveu transferi-las para os sábados.

SERVIÇO RÁDIO-TELEFÔNICO. — Foi inaugurado no Departamento dos Correios e Telégrafos o Serviço Rádio-Telefônico entre o Rio de Janeiro e as capitais de Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Ao ato, que se realizou no gabinete do Major Landri Sales, Diretor do Departamento, compareceram o Ministro da Viação, General Mendonça Lima, acompanhado de todo o seu gabinete, o Diretor-Geral do D. I. P., Capitão Amílcar Dutra Menezes, o Sr. Herbert Moses, o Cônego Olímpio de Melo, altos funcionários do Ministério da Viação e numerosos convidados.

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (43)

VIOLETA

A BRUXA BRANCA

CAPÍTULO III

No dia seguinte, julgando fôsem pelo menos nove horas da manhã, porque parecia-me que o sol entrava pelas janelas do quarto, acordei ao misterioso tanger de um sininho que parecia estar não longe do hotel. Instintivamente veio-me a idéia de Santa Clara. Como?! minha boa sorte seria tanta que tivesse ido parar precisamente perto da igreja onde a "Bruxa Branca" assistia à Missa, recebia o Corpo de Cristo para fortalecer seu espírito e onde recebia as inspirações de Deus para suas obras admiráveis? ou seria meu bom desejo que me enganava?... Não me parecia possível. Seria coisa que nunca se deu comigo, tanta sorte, acertar em coisa que em meu favor fôsse. Abri a janela; as luzes da cidade tremeluziam ao longe; o sol, preguiçoso, ainda demoraria pelo menos uma hora longa em demonstrar seu rubicundo rosto. Pensei que em poucas horas eu tivesse dormido muito depressa... pois encontrava-me satisfeito e bem disposto.

Mas a idéia de Santa Clara e da "Bruxa Branca", isto é, a sua proximidade, tinha-se-me gravado, me obsesionava e era preciso sair logo de dúvidas. Não muito longe, como a quatro ou cinco quarteirões, enxergava-se uma pequena torrinha ou campanário, que poderia ser o que emitia aquelas tempraneiras badaladas e deveria ser algum convento de frades ou freiras, pois já é sabido que as Comunidades religiosas costumam abrir as portas mais cedo que as paroquiais.

Deixando que meu amigo seguisse em seu repouso bem merecido, para lá dirigi-me, tanto para cumprir com meus deveres religiosos, como para aproveitar o tempo e ver se poderia pescar alguma notícia que me orientasse em minhas pesquisas.

A imaginação e os meus desejos tinham-me enganado. A boa sorte não me sorria ainda por esta vez e ao menos pelo momento. Era, sim, um convento de frei-

ras, mas não de Santa Clara, que eu teria querido achar. Na igreja não vi nenhum dos distintivos sinais que costuma-se ver nas igrejas franciscanas, como o escudo do seráfico Padre, dois braços cruzados, um completamente nú e o outro coberto com a clássica manga cor marron; nem imagem alguma de santo franciscano, como Santo Antônio, São Boaventura etc.

Rezei algum tempo, fiz uma pequena meditação; ao mesmo tempo, o dia já clareava e pude ver no altar mor uma figura simpática e que era precisamente de outro Francisco, não o de Assis, senão de Sales, o amabilíssimo Bispo de Genebra, que com sua melíflua suavidade tantas almas levou para Deus.

Ah! meu santo bendito, lhe disse; ajudai-me a ser feliz em meu desejo de achar alguma pista de minha "Bruxa Branca"; eu quero dá-la a conhecer ao mundo envilecido pelo orgulho e pelo amor carnal, essa alma boa, santa, extraordinária, que se não é discípula vossa tem, sim, vosso espírito de amor e caridade e de fazer o bem ocultamente, derramar o perfume de violeta de seu nome, levando a tôda parte o bom odor de Cristo.

Iria fazer um papel ridículo, julgando que todos tivessem a mesma preocupação que eu tinha? A idéia fixa, que me dominava por completo, era a de Violeta, a "Bruxa Branca", e eu tudo ordenaria a saber dela... Fui, pois, e entrei resolutamente na sacristia. Um sacerdote velho, que deveria ser bastante surdo, porque nada respondeu ao meu "bon jour", lia num livro e sem mover-se da cadeira olhou para mim por cima dos óculos; parecia observar-me muito atentamente, como se fôssemos conhecidos velhos, não posso afirmar nem negar, um tanto desconfiado... Que sei eu o que poderia significar aquele insistente olhar sem alguma palavra!... Repeti de mais perto o meu "bon jour" e então êle entregou-me um instrumento parecido a um fone de aparelho telefônico, ligado a outro parecido por meio dum fio elétrico e que encostou ao seu ouvido direito. Agora a coisa já era evidente porque não me tinha respondido... Pela terceira vez repeti o "bon jour" e êle, com uma vózinha quase imperceptível e fraca, respondeu amabilíssimamente: "Bon jour, mon Abbé."

(Continua)



(É proibida a reprodução desta página)

Aquele pardal...

Sempre de olhos fixos no passarinho descuidado, Cazusa retesou o estilingue e largou a pedra, que se projetou no espaço e foi atingir em cheio a pobre avezita.

Um grito de triunfo então lhe escapou dos lábios:

— Apanhei-o!... Apanhei-o!...

E correu até à pequena vítima, atirada no chão.

Por um instante êle contemplou o passarinho ferido, sem esconder o desaponto que sentiu.

— Bem... murmurou. Não o queria machucar assim! Pretendia apenas tontear-lo.

E o tomou nas mãos.

Era um pequenino pardal. Dêsses que despertam ao amanhecer e enchem os ares com seu alegre chilrear. Parecia sofrer muito, arfando sem parar o pequenino peito ensanguentado.

Cazusa tudo fêz para reanimá-lo.

Lavou-lhe as feridas, e, com algum esforço, conseguiu que sorvesse algumas gotas de água.

— Você ficará bom, passarinho! Já lhe arranjei uma linda gaiola! Todos os dias terá alpiste e água limpa... Verá!

Porém, o pardal foi se aquietando, se aquietando; pouco depois, deixou cair a cabeçinha e seus olhos se fecharam de uma vez.

Cazusa deixou-o afinal, e êle ali ficou inerte e sem vida, como uma folha sêca que o vento atirasse no chão.

Cazusa passou o dia inteiro aborrecido, pensando sempre no pardal.

— Pobrezinho!

Por quê o matara, afinal? Não fôra para imitar os maus meninos e saber se tinha bôa pontaria?

No dia seguinte, êle estava na escola, quando a professora falou:

— Vou escolher, entre vocês, quem deverá recitar a poesia na festa das aves.

E risonha chamou:

— Cazusa! Venha cá. Êste ano, será você!

O menino se levantou, sentindo um vivo rubor lhe afogear a face.

E êle, que um ano antes desejara ardentemente ser o escolhido, se aproximou envergonhado...

— Aqui está a poesia. Decore-a. É muito bonita!

Cazusa quis dizer alguma coisa, mas não conseguiu.

Por quê se lembrava agora daquele passarinho ensanguentado, que tivera em suas mãos?

— Você tem uma bonita voz, disse a professora. Leia a poesia para que todos a ouçam.

E para a classe atenta:

— Prestem atenção!

Fez-se um silêncio na sala e Cazusa leu então.

A poesia era mesmo muito bonita.

Falava dos alegres passarinhos que, descuidados e felizes, voam em bandos pelo céu azul. E tecia um hino às avezitas, operárias ativas que tanto ajudam o homem, perseguindo e devorando os insetos daninhos que lhes estragam as colheitas... E terminava pedindo:

“— Criança! Sê compassiva!

Não maltrate os passarinhos!”

Quando o sino grande tocou, as crianças se despediram da professora e se dispersaram pelas ruas.

Só Cazusa ficou no seu lugar.

— O que há? perguntou a professora.

Cazusa tinha ainda nas mãos a folha de papel.

— Mestra, disse êle entregando-a. Não a posso recitar!

— Por quê?

— Não a mereço...

E contou tôda a história do pardal.

— Meu filho, disse a mestra acariciando seus cabelos crespos e revoltos, você agiu mal. Só os maus meninos maltratam os passarinhos. Porém, o seu arrependimento vale por uma promessa. Atire fora o estilingue! E ame os passarinhos! São tão nossos amigos! Deus os fêz livres, e assim deverão ficar.

E persuasiva:

— Nunca mais esqueça aquele pardal!...

Agora, vá para casa e amanhã traga a poesia bem decorada!

Cazusa saiu e a professora ficou a olhá-lo da janela, até vê-lo reunir-se aos companheiros...

...Pelas ruas que contornavam a escola, a longa fila das crianças que se dispersavam garrulas e irriquetas, parecia uma revoada de alegres passarinhos...

Regina Melillo de Souza

VIDA DE ALGUNS BICHOS

A aranha vive, geralmente, sete anos. O coelho e a lebre, de sete a oito. A ovelha, doze. A galinha, a cabra e o canário, dez. O gato e o boi, de dezoito a vinte. O cachorro, vinte e cinco. O camelo e o ganso, cinquenta. Vivem além de cem anos, o cisne e a águia. O elefante chega aos duzentos.

Belo presente para crianças

ANCORA DE OURO
CONTOS PARA VOCE...
O PRIMO DA ROÇA
MIGUELITO
CANDOCA, A TEIMOSA
ERA UMA VEZ...

Seis premios para Colégios,
por Cr. \$ 20,00.

Pedidos à:

LIVRARIA DA "AVE MARIA"
Caixa Postal, 615 — São Paulo

INSTITUTO EDUCACIONAL DE COMÉRCIO

«A escola em sua casa»

Curso prático de Contabi-
lidade por correspondência
em 5 meses

MENSALIDADE — Cr. \$ 25,00

Prospectos gratis

Caixa Postal 3970

São Paulo

Banco Hipotecário Lar Brasileiro

S. A. DE CRÉDITO REAL

CONDIÇÕES DOS DEPÓSITOS

CONTAS CORRENTES LIMITADAS

Juros de 5% a. a.

CONTAS CORRENTES PARTICULARES

Juros de 6% a. a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

1 ano 6% a. a. — 2 anos 7% a. a.

DEPÓSITOS EM CONTA CORRENTE À VISTA

Juros de 3% a. a.

Financiamento de construções.

RUA ALVARES PENTEADO, 143

VIDROS E VITRAIS

Galliano & Comp.

IMPORTADORES

S
A
O

P
A
U
L
O

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAIS ARTISTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

"CALOREX", VIDRO QUE INTERCEPTA
80% DO CALOR

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544



SANOBIDOL

TÔNICO RECONSTITUINTE
DE REAL VALOR E DE
EFEITO SEGURO.

EXCELENTE MEDICAÇÃO
PARA CONVALESCENTES E
DEPAUPERADOS

VENDA SOB RECEITA MEDICA